

Em 1889, o congresso de Estocolmo/Cristiania valeria, a longo prazo, um prêmio envenenado a Vasconcelos Abreu e aos seus pares. Na sequência deste oitavo encontro ficou evidente uma cisão que se vinha desenhando no seio da comunidade orientalista. Note-se que nele estiveram presentes três membros da Sociedade de Geografia: a dupla Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu, repetente da sessão de Leiden (1883)⁴¹, onde nenhum apresentou qualquer trabalho, e Ângelo Sárrea de Sousa Prado (1843-1932)⁴², que surgiria poucos anos depois à frente de uma comissão do Congresso dos Orientalistas de Lisboa. Conforme noticiado nas atas do congresso estatutário de Londres, de 1891, publicadas no periódico *The Imperial and Asiatic Quarterly Review*,

[h]ouve uma tendência para o elemento social se tornar proeminente demais, como aconteceu em Estocolmo, onde houve demasiado entretenimento e despesas excessivas. Como consequência, despontou uma ligeira diferença de opinião. Uma das partes insistia que a solução era criar dentro da instituição uma comissão que regulasse as admissões aos congressos, enquanto a outra parte defendia que a admissão aos congressos devia ser perfeitamente livre e aberta. ([Oriental University Institute] 1891, xiii)

Tendo ficado por determinar, durante a sessão de encerramento dos trabalhos em Estocolmo/Cristiania, o lugar onde realizar a sessão seguinte, algo a que os estatutos obrigavam, a “ligeira diferença de opinião” rapidamente assumiu contornos que precipitaram uma viragem elitista nos congressos. Essa viragem criou uma cisão dentro da comunidade de orientalistas britânicos, de forma mais visível entre o húngaro Gottlieb Wilhelm Leitner (1840-1899) e o germânico Max Müller (1823-1900), ambos radicados em Inglaterra, a qual acabaria por opor orientalistas franceses, apologistas de uma “cultura científica mundana” (a mesma que os congressos provinciais visavam), a orientalistas alemães, apologistas de

41 Gonçalves Viana dá testemunho da sua estadia na Suécia em *Palestras Filológicas*: “Achava-me em Estocolmo, em 1889, com o barão Kraus filho [...]. O segundo caso aconteceu em Cristiania, onde quis pedir água morna” (1910, 204-205). Já Vasconcelos Abreu, que fora subscritor do encontro de Viena em 1886, abre a lição inaugural do seu *Curso Integral de Antiguidades Áricas* com a notícia da viagem de regresso de Estocolmo: “Em 1889, na minha vinda a Coimbra, depois de haver regressado do Congresso Internacional dos Orientalistas em Estocolmo e Cristiania” (1903, 5).

42 Por ocasião da palestra de G.W. Leitner na Sociedade de Geografia de Lisboa, em início de março de 1892, registou-se em ata que “[o] sr. Sárrea Prado disse que se congratulava por ver [...] o sr. Leitner, que tinha encontrado em Estocolmo em 1889, por ocasião do congresso de orientalistas” (SGL 1890-1893, 18).

uma “cultura científica académica” (Rabault-Feuerhahn 2010, 53). Assentava essa viragem num elitismo científico, ao promover o afastamento de interessados sem percurso académico e/ou científico comprovado em línguas ou estudos orientais, excluindo assim diletantes (como comerciantes, intérpretes, colecionadores), altos funcionários estatais ou corpos diplomáticos sem carreira universitária ou científica. Propunha, em síntese, a monopolização académica do saber orientalista, que estava intimamente ligada à especialização desse saber que, como argumenta Rabault-Feuerhahn (2010, 52; 2012, 2), seria indissociável da profissionalização da área de estudo e dos seus agentes.

O impasse quanto ao futuro do congresso fez com que a responsabilidade por selecionar a sede do nono encontro recaísse sobre uma comissão formada por presidentes de congressos anteriores (Berlim, Leiden, Viena), todos eles oriundos de países germânicos e sem que França ou Inglaterra ali estivessem representadas, o que agravou os ânimos (Rabault-Feuerhahn 2012, 11). Foi neste ambiente de discórdia que, como já bem relatou Pascale Rabault-Feuerhahn (2012, 12), se formou uma comissão concorrente, sob a iniciativa do assiriologista Jules Oppert (1825-1905) e de Leitner, contando com uma forte adesão de orientalistas franceses e também britânicos. Esta facção, na qual Portugal se integrou, propugnando o cumprimento dos estatutos fundadores, organizou o encontro de Londres de 1891, que decorreu entre 1 e 10 de setembro. Na lista de delegados apoiantes deste evento encontravam-se Gerson da Cunha, na qualidade de delegado por Bombaim, e a dupla Vasconcelos Abreu e Gonçalves Viana por Portugal. Nenhum deles ali marcou, porém, presença física. A delegação portuguesa contava ainda, como membros subscritores, com o professor do Porto F.G. Cardoso, F. Lourenço da Fonseca, o coronel J.P. Nery Delgado e o embaixador de Portugal na corte de St. James, em Londres, D. Luís de Soveral. Para além da Sociedade de Geografia e da Universidade de Coimbra, também a Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, através de Narciso da Silva, se associou a este evento marcado por uma clara manifestação de alianças e solidariedades científicas. A Associação foi representada pelo seu fiel amigo Charles Lucas (1838-1905), que durante a década de 1870 defendeu os interesses de Portugal, por delegação direta do arquiteto português, junto da comissão central dos congressos em Paris (leia-se, junto de Léon de Rosny). A 30 de julho de 1891, a pouco mais de um mês do encontro, Vasconcelos Abreu recebeu um telegrama de Leitner, na sua qualidade de presidente da comissão organizadora, a convidá-lo a escrever uma resenha sobre os avanços no domínio da sanscritologia de 1886 a 1891 para

apresentação nesse congresso. O sanscritista aceitou prontamente ao convite, que era mais uma prova de reconhecimento da sua autoridade na matéria.

Após a reunião estatutária de Londres, a escolha da sede para o acolhimento do X Congresso Internacional de Orientalistas recaiu sobre Espanha, que tinha a vantagem de fazer coincidir o evento com as comemorações do quarto centenário da descoberta da América por Colombo. Difundiram-se logo, em 1891, a circular e o regulamento referentes ao novo evento, organizado em consonância com os estatutos e princípios do congresso fundador, ainda que não fosse numerado. No periódico *T'oung Pao*, reproduz-se a primeira circular desse congresso, inicialmente agendado de 23 de setembro a 1 de outubro de 1892, sob a presidência de Don Antonio Cánovas del Castillo (1828-1897), diretor da Real Academia de la Historia, em Madrid, e presidente do Conselho de Ministros. Este convite à participação foi subscrito pelo arabista D. Pascual de Gayangos, delegado do governo espanhol, G.W. Leitner, secretário do nono congresso e delegado-geral do comité de permanência de Londres, e o marquês de Croizier (1846-192[?]), delegado-geral em França. O valor da quota de inscrição era, então, de 20 francos ([CIO] 1891, 433). Na mesma edição de *T'oung Pao*, em adenda imediata a esta circular, fez-se saber que os trabalhos, projetados para decorrer em Alcázar (Sevilha), iriam, afinal, ter lugar em Madrid, Córdoba, Granada e Sevilha de 29 de setembro a 7 de outubro, antecedendo assim a nona sessão do Congresso Internacional de Americanistas, que iria acontecer de 7 a 11 de outubro, em Huelva. Um panfleto impresso em Madrid, no final do ano de 1891 e em versão bilingue (espanhol e francês) para circulação, além de incorporar estas alterações e de fornecer informações de ordem prática, discriminava a junta organizadora do congresso, que contava com o alto patrocínio do rei D. Alfonso XIII e da rainha regente, D. María Cristina, tabelava a taxa de inscrição em valor mais baixo (12 francos) e especificava admitir como línguas de trabalho o francês, (pela primeira vez) o português, o alemão, o inglês, o italiano e o latim, ressaltando que as atas seriam publicadas em espanhol⁴³.

Em março de 1892, o periódico *T'oung Pao* dava, porém, conta de nova mudança de planos; anunciava agora Lisboa como o novo local para a realização do evento e comunicava a inerente delegação de poderes para a organização à

43 O espólio de Luciano Cordeiro no Museu Etnográfico e Histórico da Sociedade de Geografia de Lisboa reúne uma ampla coleção de cartas, jornais e folhetos informativos vários especificamente sobre o Congresso dos Orientalistas de Espanha (vd. sobretudo *Correspondência 1892*, cx. 2). Esta documentação ainda não está tratada arquivisticamente.

Sociedade de Geografia de Lisboa pelos comités de permanência de Londres (1891) e de Paris (1873):

Não tendo o X Congresso podido realizar-se em Espanha, conforme se havia anunciado, segundo a circular do seu presidente do Conselho de Ministros [Don Cánovas del Castillo] a 6 de fevereiro de 1892, a cidade de Lisboa foi escolhida pelo Comité de Permanência do Congresso de Londres, com o acordo da Sociedade de Geografia de Lisboa, como sede da décima sessão e o Comité de Londres transmitiu devidamente os seus poderes à direção da mesma Sociedade. ([Leitner] 1892, 184)

Divulgava-se assim o primeiro conjunto de informações relativo ao congresso de Lisboa, assinado por G.W. Leitner, na qualidade de delegado-geral, secretário organizador do nono congresso e delegado dos comités de permanência de 1873 (Paris) e 1891 (Londres). Da organização portuguesa, subscrevem os nomes de Vasconcelos Abreu e Gonçalves Viana, enquanto delegados do congresso anterior, e de Luciano Cordeiro como o secretário-organizador do X Congresso dos Orientalistas.

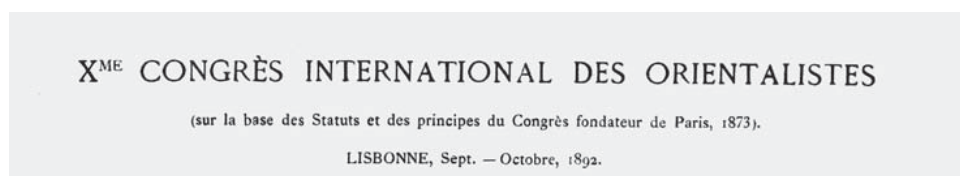


Figura 2. Pormenor da circular preliminar do X Congresso Internacional de Orientalistas, de março de 1892, em anexo ao convite ao Ministro da Fazenda (J.P. de Oliveira Martins) para aceitar o lugar de membro honorário dessa sessão, a realizar em Lisboa. Fonte: *Sociedade de Geografia de Lisboa: Congressos*. Ministério da Fazenda/Finanças, Arquivo das Secretarias de Estado, cx. 231, proc. 8093. PT/TT/MF-SG/001-04/8093. Imagem cedida pelo ANTT.

O Congresso de Lisboa: um projeto falhado?⁴⁴

Reagendada para Lisboa, de 23 de setembro a 1 de outubro de 1892, a décima reunião do Congresso Internacional de Orientalistas, beneficiando do patrocínio e presidência régios de D. Carlos I, que se via assim definitivamente associado ao cultivo dos Estudos Orientais em Portugal, teve a Sociedade de Geografia como instituição organizadora. Quando, em março de 1892, Portugal toma a decisão de acolher o evento, que se inseriria na série estatutária de 1873, já não havia qualquer vestígio, ou memória, da Associação Promotora do Desenvolvimento dos Estudos Orientais e Glóticos.

Foi no sábado dia 2 de abril de 1892 que o *Diário Ilustrado* publicitou a efeméride, confirmando que “[a] Sociedade de Geografia é que está encarregada da organização do congresso. // Por essa ocasião efetuar-se-á também uma exposição camoniana, outra de bibliografia portuguesa oriental, etc.” Este anúncio surgia não fazia ainda um mês desde que Leitner proferira a sua conferência na Sociedade de Geografia, a 7 de março de 1892. As negociações para Portugal acolher esta décima reunião decorreram durante aquele mês, como se confirma pelo *Diário de Notícias*, que no dia 20 de março noticiava o fim das negociações. Também a correspondência de Luciano Cordeiro, conservada no Museu da Sociedade de Geografia, dá conta do avanço das negociações ao longo desse mês, as quais, todavia, só em abril seriam ratificadas pelo governo português; o rascunho de uma carta de 28 de março de Cordeiro ao Conde de Ficalho (1837-1903) indica que Leitner partiu nesse dia para Sevilha⁴⁵.

44 O ex-embaixador João de Deus Ramos é autor do trabalho mais completo e pormenorizado sobre este congresso, dando a conhecer material inédito cuja relevância é indiscutível para compreender a evolução da presença portuguesa na moldura científica das reuniões orientalistas. Para a elaboração do trabalho, João de Deus Ramos teve acesso privilegiado a um *dossier* com documentação sobre o congresso de Lisboa, da autoria de Gonçalves Viana: “O prof. Gonçalves Viana reuniu cuidadosamente, colando em folhas avulsas de 25,5 x 16 cm, a documentação que lhe foi chegando às mãos [recortes de jornais, listas de convidados, programas turísticos, correspondência oficial, etc.]. Depois mandou fazer uma encadernação brochada, simples, mas que certamente evitou o seu extravio ao longo de já quase cem anos, permitindo que este raro «dossier» chegasse completo aos nossos dias” (1996, 137). Este *dossier* encontrar-se-á no espólio de João de Deus Ramos, ainda em tratamento arquivístico, na Biblioteca Fernão Mendes Pinto na Universidade do Minho. Ao longo da execução do projeto só nos foi autorizada a consulta de *dossiers* contendo datiloscritos e fotocópias de datiloscritos de textos do próprio ex-embaixador. Em momento algum conseguimos aceder ao referido *dossier* de Gonçalves Viana.

45 Museu Etnográfico e Histórico da Sociedade de Geografia de Lisboa (Museu da SGL). Espólio de Luciano Cordeiro, *Correspondência 1892*, cx. 1. A segunda caixa de correspondência relativa ao ano de 1892 contém várias provas impressas, com anotações escritas a diferentes mãos, da circular

Logo se iniciaram os contactos com os consulados, embaixadas e legações de Portugal espalhados pelos diversos cantos do mundo para que publicitassem o evento e angariassem subscrições. Ao mesmo tempo, constituíram-se as devidas comissões de apoio à organização. Para além da tradicional comissão de honra, composta de nomes de ilustres da sociedade portuguesa e da vida académica⁴⁶, determinou-se a comissão central de organização, constituída pelos mais diversos membros da Sociedade de Geografia (era presidida por António do Nascimento Pereira Sampaio, contra-almirante e então presidente da Sociedade, com a assistência do secretário perpétuo da instituição, Luciano Cordeiro), e iniciaram-se as diligências necessárias à organização do evento. A comissão de honra integrou nomes como o do mentor português dos congressos, Possidónio Narciso da Silva⁴⁷, e o do reitor da Universidade de Coimbra, António dos Santos Viegas (1837-1914). Não deixa de ser curiosa a ressalva que o reitor fez junto do arquiteto ao reconhecer que os saberes orientalistas estavam fora da sua instituição, não sendo aí ensinados: “A literatura oriental não entra nos programas da nossa Universidade, e por isso não há nesta corporação pessoas, que se dediquem especialmente a esse género de estudos; mas é natural que alguns professores da Universidade estimem tomar parte no Congresso⁴⁸.” Esta afirmação não deixa de causar certa surpresa, dado o visível esforço, até então, da Universidade de Coimbra em vincular o seu nome a diversas sessões do congresso. Era o Curso Superior de Letras, em Lisboa, que supria essa lacuna e monopolizou o ensino orientalista em Portugal até à instauração da República.

Em paralelo à comissão central de organização, funcionavam outros dois órgãos de apoio: a comissão executiva (presidida pelo Conde de Ficalho e tendo Guilherme de Vasconcelos Abreu como vice-presidente e Gonçalves Viana como

preliminar a anunciar a realização do congresso. A revisão das provas terá decorrido entre 5 e 28 de março, datas da primeira e da última provas que existem em arquivo.

46 “Os vice-presidentes e membros honorários são todos os ministros e altos funcionários do reino, os presidentes das principais sociedades científicas e todos os membros do corpo diplomático” (extrato do jornal *Marine et colonies*, de 7 de julho de 1892, reproduzido por Ramos 1996, 160).

47 A correspondência de Narciso da Silva depositada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo mostra que o arquiteto se manteve sempre a par do que acontecia nos congressos. O tomo 23 da sua correspondência, relativo ao ano de 1892, deve conter informações de bastidores preciosas para deslindar os meandros em que foi preparado o X Congresso de Lisboa. No entanto, este tomo não existe; no lugar deixado vazio entre os demais volumes de correspondência está anotada a informação de que o tomo 23 nunca deu entrada nos arquivos.

48 ANTT. *Correspondencia... com J. Possidonio da Silva*. 1895, vol. XXV (tomo 25 em 8.º), doc. 4858, carta de António dos Santos Viegas (Coimbra, 11 junho 1892).

secretário) e a comissão de recepção e de informações. Presidida por Ângelo Sárrea de Prado, esta comissão seria responsável por assegurar parcerias institucionais e descontos, assim como pela cobertura mediática do evento e pela comunicação entre os órgãos da organização e a imprensa, integrando no seu corpo a agência de notícias Havas em Portugal, representada então pelo seu diretor J. Franco de Matos, e jornalistas, como José Joaquim Gomes de Brito (1843-1923), sócio fundador da Sociedade de Geografia e formado pelo Curso Superior de Letras, e D. Tomás de Almeida Vilhena (1864-1932).

À primeira circular do congresso de Lisboa, em língua francesa, posta oficialmente em circulação a 28 de abril⁴⁹, data da abertura do período de inscrições para o congresso, seguiram-se, como era prática usual, mais duas, uma em junho e outra em agosto. Reconhecendo, embora, e advertindo nessa primeira circular que a crise económica e financeira por que o país atravessava não permitia à Sociedade de Geografia assegurar uma “hospitalidade atrativa e solene”, o governo português, através da comissão organizadora, comprometia-se, contudo, a uma hospitalidade “profundamente afetuosa e sincera”, que fosse “expressão dos nossos melhores desejos de servir a ciência” e de estar à altura da “pátria dos navegadores que abriram os caminhos ao Oriente, à ciência, ao comércio e à civilização” (ver também a carta publicada no jornal *Marine et colonies*, de 7 de julho de 1892, reproduzida em Ramos 1996, 161).

No início de junho havia já uma lista de membros a circular e foi determinado que as línguas de comunicação do congresso seriam o português, o inglês, o francês, o alemão e o italiano, admitindo-se, porém, que as apresentações fossem feitas noutra língua europeia ou oriental⁵⁰. A 9 de agosto deram entrada para serem impressos os recibos para os participantes, conforme informação patente no *Livro de Registo de Obras para Impressão 1892* na Imprensa Nacional (sob o número de ordem 1880). No Museu da Sociedade de Geografia, conservam-se três livros com o registo das subscrições nacionais e estrangeiras para o congresso (Figura 3), que preservam os canhotos; a parte reservada aos recibos e às cartas de congressista foi devidamente cortada e, portanto, supomos, entregue ao respetivo subscritor.

49 Museu da SGL. Espólio de Luciano Cordeiro, *Correspondência 1892*, cx. 2. Também nos arquivos, ainda não tratados, da Société Asiatique de Paris se encontra uma cópia desta circular, conforme informação gentilmente partilhada por Pascale Rabault-Feuerhahn.

50 *Correspondência 1892*, cx. 2, onde existe uma prova impressa, com emendas e adições, da segunda circular do congresso, datada de junho de 1892 e tendo Woking (Inglaterra) como lugar de emissão; nela se informa a respeito das línguas de comunicação oficiais.

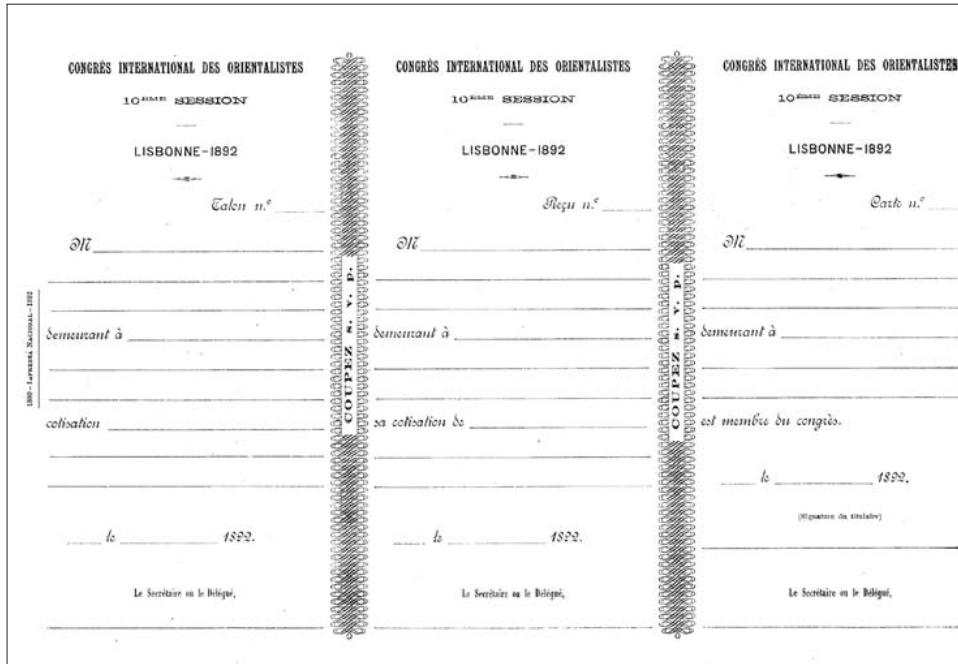


Figura 3. Reprodução de uma folha do livro de recibos impresso, em francês, pela Imprensa Nacional, que está dividida em três colunas: registo (talão), recibo e carta de membro. Fonte: Museu Etnográfico e Histórico da Sociedade de Geografia de Lisboa. Espólio de Luciano Cordeiro. *Correspondência 1892*, cx. 2. Cortesia da SGL.

A quota imposta para o congresso de Lisboa era de 25 francos (mais do que o dobro para o congresso previsto para Espanha), ou seja, 50 tostões (ou 5000 réis). Este valor ia muito além dos 2160 réis cobrados no congresso inaugural, praticamente vinte anos antes. O pagamento conferia, como nas sessões anteriores, direito a diploma de participação e carta de congressista (ou bilhete de admissão), bem como a receber um exemplar de todas as publicações do congresso e a participar nas atividades com ele relacionadas.

A lista, de 8 páginas, dos hotéis subscritos para acolher os congressistas, localizados em Lisboa, Porto e Coimbra, foi também ela impressa em agosto, após dar entrada para impressão no dia 12 (Figura 4), e gratuitamente distribuída no estrangeiro, conforme se indica no *Diário de Notícias* de 25 de agosto. A 17 desse mês uma nova circular do congresso deu entrada para impressão, contendo certamente a lista dos hotéis, e terá esta sido a terceira e última com os preparativos para o congresso. Tendo acedido à circular informativa com a sugestão

	<i>Sociedade de Geographia, vom de pag 304</i>						
1926	<i>Lista de hotéis, p. o congresso de orientalistas</i>	Ag.	12	N.º 2-4, cf.	508	3	8 pag.
1935	<i>Circular p. o congresso de orientalistas</i>	"	14	N.º 3-7	508	2	3 "
1934	<i>Phonologie historique portugaise, por A. O. Gonçalves, Vianca, p. o congresso de orientalistas</i>	"	27	N.º 6-7	1.520	1	12 "
				N.º 5-7, conf.	"	4	2 guardas 16 pag.
2050	<i>Sur les reliques de la Lusitanie, por Leite de Vasconcellos, para o Congresso Internacional de Orientalistas</i>	Set.	7	N.º 6-7	1.520	1	10 pag.
				N.º 5-7	"	4	1 guarda 16 pag.
				N.º 6-7	"	2	1 guarda
2051	<i>Sur le dialecte de Macao, por Leite de Vasconcellos, para o Congresso Internacional de Orientalistas</i>	Set.	7	N.º 6-7	1.520	1	10 pag.
				N.º 5-7	"	4	1 guarda 16 pag.
				N.º 6-7	"	2	1 guarda
2052	<i>Sur les amulettes portugaises</i>	Set.	7	N.º 6-7	1.520	1	10 pag.
				N.º 5-7	"	4	1 guarda 16 pag.
2144	<i>Sociologia chinesa - Autoplastia</i>	Set.	9	N.º 6-7	1.520	1	8 pag.
				N.º 5-7	"	4	16 pag.
				N.º 6-7	"	4	2 guardas
2145	<i>Sociologia chinesa - O homem como medicamento</i>	Set.	9	N.º 6-7	1.520	1	16 pag.
				N.º 5-7	"	4	16 pag.
				N.º 6-7	"	4	2 guardas
2243	<i>La premiere invasion des normands dans l'Espagne musulmane, en 844</i>	Out.	1	N.º 6-7	1.520	1	22 pag.
				N.º 5-7	"	4	16 pag.
				N.º 6-7	"	2	1 guarda
	<i>Continua na pag 312</i>						

Figura 4. Extrato da folha n.º 310 do Livro de Registo de Obras para Impressão 1892, n.º 720, da Imprensa Nacional. Fonte: Arquivo Histórico da Imprensa Nacional. Cortesia da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

de alojamento, intitulada *Congrès international des orientalistes. Renseignements. Hôtels*, João de Deus Ramos destaca, na capital, três dos mais emblemáticos hotéis da cidade:

Hotel Aliança

Rua da Trindade, 10 (perto da Sociedade de Geografia)

Quarto (vela e serviço de quarto incluídos)

Pensão (almoço e jantar) 1\$800 a 2\$400 réis

Hotel Atlântico

Largo do Corpo Santo (perto do Tejo)

Quarto, 1 cama (vela e serviço de quarto incluídos)

Pensão (almoço e jantar) 1\$400 réis

Quarto, 2 camas (mesmas condições) 2\$600 réis

Quarto e sanitário (mesmas condições) 2\$000 réis

Quarto para duas pessoas e sanitário (mesmas condições) 3\$600 réis

Grande Hotel

Avenida da Liberdade, 55 (na Grande Avenida)

Preço dos seguintes apartamentos:

1.^a classe (quarto e sala pequena, vela, serviço de quarto e pensão) 4\$500 réis

2.^a classe (*idem*) 3\$000 réis

3.^a classe (*idem*) 2\$250 réis

49

A pensão com serviço de mesa-redonda é igual para todos os hóspedes; inclui:

Pequeno-almoço

Almoço (4 pratos, vinho, chá ou café, leite)

Jantar (8 pratos, sobremesas, vinho, café ou chá)

(Ramos 1996, 141-142)

.....
A HISTÓRIA DA
PARTICIPAÇÃO
PORTUGUESA NOS
CONGRESSOS
INTERNACIONAIS
DE ORIENTALISTAS:
TRAJETOS E REFLEXÕES

.....
Marta Pacheco Pinto

A este elenco, acrescenta ainda:

[O] Hotel Borges, Rua Garrett 108, o Grande Hotel Central no Cais do Sodré, o Hotel Continental no Largo de S. Domingo, o Hotel Duran[d] no Largo do Quintela 71 (que se refere ser inglês), o Hotel da Europa na Rua Nova do Carmo 16, e o Hotel Universal na Rua Nova do Carmo também, mas no número 2.

No Porto, com preços um pouco mais baixos pois nunca chegam aos dois mil réis, refere-se o Hotel Francfort na Rua de Santa Catarina 155 e 157 B, o Grande Hotel de Paris e o Grande Hotel do Porto, sem se indicarem endereços. E finalmente para Coimbra vem o Hotel dos Caminhos de Ferro, também sem endereço e com preços de 1\$200 a 1\$600 réis. (Ramos 1996, 142-143)

Na referida edição de 25 de agosto do *Diário de Notícias*, anunciava-se ainda uma redução de 50 % da quotização para estudantes de línguas orientais provenientes de Paris, com interesse em participar no evento na companhia dos

seus professores, redução esta que terá sido negociada por intermédio do barão Textor de Ravisi (1822-1902), delegado-geral em França do comité organizador português⁵¹.

Para além da ambição de dar protagonismo a Portugal como centro de estudos orientalistas, havia também o ensejo de promoção da cultura local que, junto dos participantes estrangeiros, seria assegurada pelo programa social que estava a ser concebido. Cabia à comissão de receção o acolhimento aos participantes estrangeiros através da organização de atividades lúdicas (receções, jantares de convívio, passeios organizados) e de visitas guiadas a museus, monumentos, espaços emblemáticos da relação Portugal-Oriente, arquivos e núcleos bibliográficos, que fossem, em síntese, testemunha da relação secular de Portugal com diversos espaços da Ásia. Era também esta comissão que estava encarregada da obtenção de concessões/descontos em redes ferroviárias europeias, barcos a vapor e viagens de comboio dentro do país, donde a inclusão, no corpo da comissão, de um funcionário superior dos caminhos de ferro portugueses, Leonildo de Mendonça e Costa (1849-1923)⁵², fundador e à data diretor da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. Quando, em março, o evento fora divulgado no *T'oung Pao*, anunciavam-se Sintra, Batalha e Évora como os locais a visitar em Portugal, a par de, em Espanha, Sevilha, Córdoba e Granada, onde estava prevista a realização de uma sessão extraordinária do congresso orientalista, associada à sua secção árabe e ao Congresso Espanhol de Africanistas, com início a 2 de outubro. Conforme assinalado pelo *Diário de Notícias* de 21 de abril, esperava-se também uma grande afluência de estrangeiros provenientes de Espanha por conta das festas colombinas. A inclusão, como membros da comissão de receção, de personalidades como o banqueiro de ascendência irlandesa Jorge O'Neill (1849-1925), o oficial aduaneiro Augusto Potier (1844-1896) ou o presidente da Câmara Municipal de Cascais, Jaime Artur da Costa Pinto (1845-1909), entre outros, pode justificar-se pelas facilidades que teriam em garantir reduções de preços e entradas livres em espaços icónicos da história e da cultura portuguesas. Até o Club Tauromáquico quis associar-se ao programa social do evento, como noticiado, a 6 de junho de 1892,

51 Do espólio de Luciano Cordeiro no Museu da SGL consta a correspondência trocada com o barão de Ravisi, vice-presidente da Societé Académique Indo-Chinoise, ao longo da organização do congresso.

52 Mendonça e Costa fundou, em 1906, uma associação promotora do que hoje se designaria como turismo (local), a Sociedade Propaganda de Portugal.

na primeira página do *Diário de Notícias*: “O Club Tauromáquico presta-se bizarramente a organizar uma grande tourada à antiga Portuguesa, tendo sido o sr. Nuno Queriol [também ele membro da comissão de receção] encarregado destas negociações. Pensa-se também num grande concerto de amadores com músicas e canções populares portuguesas.”

A poucos dias da desconvocação da reunião determinava-se a rota dos estabelecimentos públicos a serem visitados pelos congressistas. Para além da Biblioteca Pública de Évora, bem no início de setembro o secretário-geral pedia a emissão de “um certo número de bilhetes especiais em francês de admissão e visita à Biblioteca Nacional e ao Arquivo da Torre do Tombo [em Lisboa], bem como dos programas gerais de quaisquer exposições extraordinárias que numa ou noutra se organizem para serem distribuídos”⁵³. A 13 de maio, o secretário-geral já havia escrito, em papel timbrado da Sociedade de Geografia e em nome da direção e comissão organizadora do congresso, à Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos a averiguar a possibilidade de cooperação na organização de exposições especiais:

Entre essas exposições seriam naturalmente das de maior interesse e valor as que poderiam com relativa facilidade e especial competência organizar as nossas grandes bibliotecas, arquivos e museus, com as suas especiais coleções bibliográficas, documentais, numismáticas, artísticas e arqueológicas, que não precisariam sair dos próprios estabelecimentos, em relação aos de Lisboa, ou se reuniram nestes com todas as garantias de segurança e de economia.

Muitas dessas exposições e coleções instruiriam até, com particular proveito da ciência e do país, o próprio trabalho do Congresso, como seria, por exemplo[,] uma exposição bibliográfica dos tantos trabalhos históricos e filológicos portugueses relativamente à América, à Ásia e à África; uma exposição de cartas geográficas antigas, outra de documentos árabes, hebraicos, e noutras línguas orientais etc.⁵⁴.

Ter-se-á, com efeito, iniciado a preparação de uma exposição orientalista na Biblioteca Pública de Évora, cuja relevância no campo de estudos advinha do

53 ANTT. Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, *Correspondência Recebida*, cx. 172, mct. 3, doc. 42, carta, classificada como “urgente”, de Luciano Cordeiro (Sociedade de Geografia, 3 setembro 1892).

54 Doc. 78, carta de Luciano Cordeiro (Sociedade de Geografia, 13 maio 1892).

importante trabalho de reunião e catalogação de manuscritos desenvolvido por Cunha Rivara. Ao mesmo tempo outras exposições estariam a ser organizadas em Lisboa, sendo a Sociedade de Geografia um dos polos, senão o principal, a acolher esses núcleos materiais, ou visuais, de documentação histórica. Não poderá, pois, ser inocente que em 1892 o Museu Colonial de Lisboa, até então em funcionamento no Arsenal da Marinha, entre maio de 1870 e março de 1892, e aberto ao público desde 1884, tenha sido anexado à Sociedade de Geografia, passando a integrar o seu espólio museológico e conduzindo à renomeação do seu museu como Museu Colonial e Etnográfico. O processo de mudança do Museu Colonial para as instalações da Sociedade de Geografia coincidiu favoravelmente com os preparativos para o congresso, tanto mais que a coleção colonial incorporava objetos provenientes dos espaços orientais de presença portuguesa, alguns dos quais doados por colecionadores privados⁵⁵.

A participação do Oriente português no congresso gorado ter-se-ia materializado no envio de objetos para exibição nas exposições de apoio. João de Deus Ramos, no seu exaustivo trabalho de documentação do congresso de Lisboa, transcreve um ofício remetido a 5 de agosto pelo cônsul-geral português em Xangai, Joaquim Maria Travassos Valdez, ao governador de Macau e Timor Custódio Miguel Borja, em que é identificada uma coleção de instrumentos de música chineses que terão sido expedidos para Lisboa, ao cuidado de Luciano Cordeiro, através da mala diplomática (correspondência inédita patente no Arquivo Histórico de Macau, reproduzida por Ramos 1996, 202). Essa coleção, como esclarece Ramos, foi doada por um funcionário dinamarquês, de nome Julius N. Petersen, da Great Northern & Telegraphic Co. em Xangai, devendo, após o período da exposição, ser encaminhada para o museu a que se destinava (e cujo nome não é indicado). Numa carta de 16 de agosto a Luciano Cordeiro, o governador Custódio Borja dá por concluída a sua “missão relativamente aos Orientalistas”, informando que “[a]inda agora vai o resto que veio de Xangai – uma coleção de instrumentos – e [...] ainda espero umas fotografias para te mandar e completares com elas os álbuns, que foram pela última mala”⁵⁶. Os objetos terão

55 Um caso emblemático é o do visconde de S. Januário que, em 1878, expôs na sua casa da rua do Alecrim (Lisboa) uma coleção de peças orientais que tinha recolhido durante as suas estadias na Índia, em Macau, Timor, China, Japão e Sião. Foram leiloadas várias peças, algumas das quais foram parar ao depósito do Museu Colonial de Lisboa (Cardoso 2012-2013, 39).

56 Museu da SGL. Espólio de Luciano Cordeiro, *Correspondência 1892*, cx. 1, carta de Custódio Miguel de Borja (Macau, 16 agosto 1892).

seguido para Portugal por via, primeiro, de Colombo (Sri Lanka) e, depois, do consulado português em Marselha.

Além dos instrumentos musicais, a mesma companhia telegráfica iria enviar ainda “uma coleção de moedas chinesas, e vários objetos antigos e de precioso valor” (Ramos 1996, 202-203). Também o *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em diferentes ocasiões, deu conta da lista de documentos remetidos quer pelo governo de Macau quer pela Secção de Goa da Sociedade de Geografia (*vd.* apêndice). Se o primeiro remeteu um álbum de poesias, que se reproduz na segunda parte deste volume, em homenagem ao bardo da epopeia portuguesa no Oriente, bem como chapas, correspondência diplomático-administrativa e documentação dando conta da evolução das relações entre Portugal e o governo da China, a secção da Índia portuguesa terá remetido livros, tanto traduções portuguesas como obras bilingues e outras em sânscrito, para além de moedas (Figura 5), fotografias, armas e artefactos vários oferecidos por sócios.

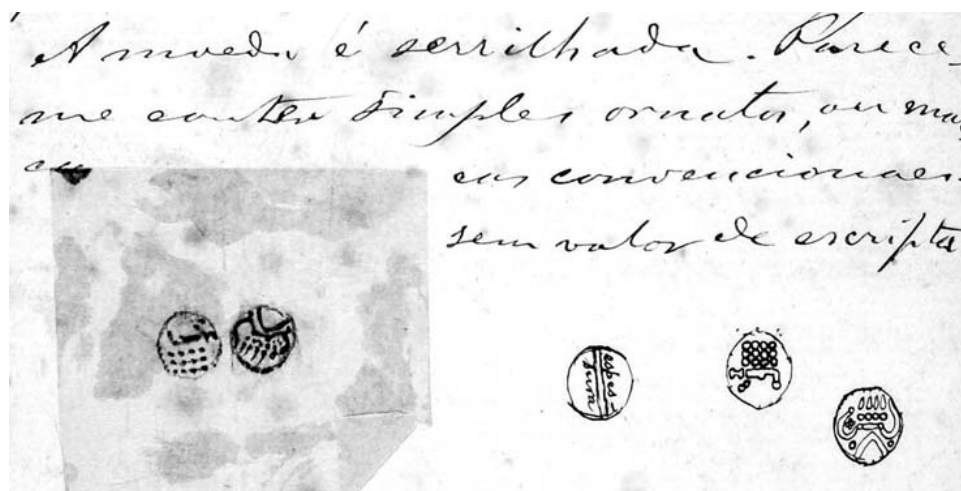


Figura 5. Desenho por Gonçalves Viana, em carta de 1888 enviada ao linguista alemão Hugo Schuchardt. Trata-se de um decalque, em tamanho real, de um *fanal*, antiga moeda de ouro em circulação na Índia portuguesa. Como explica na carta, a moeda pertencia a Jorge C. Berkeley Cotter (1845-1919), ex-secretário do constituinte António Augusto de Aguiar (1838-1887) na Índia, e foi-lhe “dada pelo médico e orientalista de Goa Gerson da Cunha, ao serviço da Inglaterra em Bombaim”. Seria possivelmente este o tipo de moeda antiga de Goa remetido pela Secção da Sociedade de Geografia em Goa para exposição no Congresso de Lisboa de 1892. Fonte: Hugo Schuchardt Archiv, carta 14-03888, <http://schuchardt.uni-graz.at/id/letter/1561>.

Desconhecendo-se o paradeiro da maioria destes objetos e não sendo certo que tenham chegado a sair dos respetivos locais de origem ou escala, alguns foram, todavia, recebidos em Lisboa. Doutra forma o *Diário de Notícias* de 5 de outubro não teria anunciado, na primeira página, que a direção da Sociedade de Geografia resolvera realizar, “ainda neste mês, uma pequena exposição dos interessantes documentos e objetos recebidos [para o congresso]”. Não menos significativo, também em 1892 a Sociedade recebeu a urna de granito onde primeiro estiveram repousados os restos mortais de Afonso de Albuquerque; até então alojada na Sé de Goa-a-Velha (Machado 1981, 140), esta urna ainda hoje está disponível ao público no museu da instituição.

Sem grande surpresa, como, aliás, se adivinhava pela alocução de Vasconcelos Abreu (1892) em defesa da posição da Sociedade de Geografia, numa sessão de 15 de junho, o congresso de Lisboa acabou por ser desconvocado de véspera, mais concretamente treze dias antes da abertura inaugural, sem que Lisboa voltasse a ser proposta, ou a apresentar candidatura, para acolher esta reunião internacional. Por detrás do cancelamento evocaram-se precauções sanitárias motivadas por um surto de cólera que estaria a alastrar-se na Europa. Se, a 7 de setembro de 1892, Luciano Cordeiro escrevia a Ferreira do Amaral queixando-se da “grandiosa massada dos Orientalistas”⁵⁷, a 10 de setembro o secretário tanto da Sociedade de Geografia como da comissão central de organização acabava com essa massada ao expedir o telegrama (redigido em língua francesa) que dava conta da suspensão do evento: “Lisboa, 10 setembro 1892. Congresso Orientalistas adiado por interrupção Governo causa precauções sanitárias” (Schlegel 1892a, 433). Uma nova e derradeira circular de 1 de outubro de 1892, cuja transcrição se fez no periódico *T'oung Pao* (Schlegel 1892b, 511-512), punha um ponto final à aventura orientalista portuguesa e nela Lisboa propunha, mantendo a sua aliança com os estatutos fundadores, Paris como palco de acolhimento do décimo congresso. O *Diário Ilustrado* chegou a noticiar, na edição de 8 de outubro, que “[e]stiveram ontem com El Rei os srs. presidente da Sociedade de Geografia, [o] contra almirante Sampaio, e Luciano de Castro [*sic*]. S. ex.^{as} foram tratar do adiamento do congresso dos orientalistas, para o próximo ano em Paris”. Não se conhecem desenvolvimentos desta sugestão que, de qualquer forma, não teve andamento,

⁵⁷ ANTT. Família Ferreira do Amaral, cx. 6, mct. Luciano Cordeiro, doc. 6, carta de Luciano Cordeiro (7 setembro 1892).

por esse papel ficar reservado a Genebra, dois anos depois e dentro de uma nova lógica de política científica.

O telegrama de Luciano Cordeiro foi expedido cinco dias após a reunião de orientalistas de Londres ter arrancado, embora dela circulassem rumores desde o ano anterior⁵⁸ e em 16 de janeiro já tivesse sido anunciada na revista londrina *The Athenaeum*, ou seja, como concorrente ao encontro de Madrid e antes de o governo de Lisboa aparecer. Foi a 14 de maio de 1892 que uma comissão liderada pelo orientalista Max Müller, sob o alto-patrocínio do duque de Connaught (1850-1942), que em 1891 tinha apoiado o congresso estatutário e que agora empossava Müller (o que, em última análise, mostra que a contenda entre orientalistas não passava de um jogo de legitimação de autoridade científica reforçado por uma rede de interesses e alianças privadas), expedia de Londres uma circular a confirmar a realização de uma sessão simultânea ao encontro de Lisboa, conquanto inscrita sob a série IX do Congresso Internacional de Orientalistas.

Agendada para decorrer de 5 a 12 de setembro, de 1892, na capital britânica, contou com o apoio institucional da Royal Asiatic Society e da Deutsche morgenländische Gesellschaft [Sociedade Alemã de Estudos Orientais]. Se, por um lado, a organização desta sessão veio pôr em causa a legitimidade do congresso anterior, o de 1891 também com sede em Londres, sendo que os estatutos não permitiam a realização consecutiva da reunião na mesma sede, por outro a sua organização, simultânea e portanto em concorrência ao X Congresso de Lisboa, veio desautorizar e anular o último. Este cisma orientalista ficaria sanado, como se disse já, com a passagem de um paradigma de, nas palavras do barão Textor de Ravisi, vulgarização e democratização da ciência oriental – com o qual Portugal

58 Nos arquivos da Royal Asiatic Society of Great Britain & Ireland (Londres), existe um conjunto de cerca de 25 cartas, ainda não tratadas, relativas à disputa de 1890-1892 instalada no seio do Congresso Internacional de Orientalistas. Numa folha avulsa (identificada a lápis com o número 58), um recorte de uma notícia de jornal, que parece datar de 21 abril de 1891 e é assinada por Patrick Colquhoun (presidente do congresso estatutário, que falecera poucos dias antes), Leitner (vice-presidente do congresso e delegado dos membros fundadores) e H.W. Bellew (também ele vice-presidente), confirma, sem dúvida, a intenção de uma comissão (fação) concorrente organizar em 1892 um congresso em Londres. Assinala-se o apoio do congresso de Estocolmo/Cristiania a essa comissão – apoio esse que o governo de Madrid terá em vão tentado obter, o que, em parte, contribuiu para que desistisse de ser sede do evento em 1892 – e relembra-se que os estatutos proibiam que a presidência do congresso fosse ocupada por quem não fosse natural do país organizador. Ora Müller, cujo nome nunca é citado, sendo alemão de nascimento, nunca poderia, de acordo com os estatutos, ser presidente de um congresso que tivesse lugar fora da Alemanha.

SANSKRITICA

«Foi addiado indefinidamente o congresso dos orientalistas.»

Na mansão da Parca chora o Luciano.
Soluçante, triste, anda o Vasconcellos,
Emquanto o diabo occidental, magano,
Casquinante ri-se, horror! de tanto damno.
Casquinante ri-se em risos amarellos.
 Como é sorridente a vida
 Quando um chinez nos sorri
 cri cri cri cri!

Foi-se carapuça, divinaes chinellas,
Pantalonas gordas, côr de gergelim,
Fato completo, meias amarellas,
Coisas do Cordeiro, puras e singelas,
E um discurso etrusco que dizia *atchim!*
 Mas quando o chinez é sabio
 Então que bonito é
 té té té té!

Inscrições romanas, inscrições galantes,
De Kaboul e Meca velhos monumentos.
Do Abreu são estas as angelisantes
Coisas que fervilham, vivas, saltitantes,
Na marmita grega dos seus pensamentos.
 Tambem é lindo o rabicho
 Que no chão batendo vá
 tá tá tá tá!

Mas agora, morta a esp'rança derradeira,
Choram de barrete, choram de chinella;
Mascarados á oriental maneira,
Estão ali, de cócras, sob a bananeira
Que verdeja ao centro do largo Quintella.
 O que é lindo é quando elles
 Vão fazendo... como eu vi
 chi chi chi chi!

BARÃO DOS ALCATRUZES.

então se alinhava – para um de “oligarquia académica” (carta de Textor de Ravisí, datando de 6 de setembro de 1894, citada em Rabault-Feuerhahn 2012, 12), o que, no fundo, traduz um processo de afirmação do poder de elites que procuravam fazer valer-se como porta-voz do saber científico. No congresso de Londres de 1892, que ficou na seriação oficial fixado como o nono congresso, enquanto o de 1891 ficaria rotulado como o congresso estatutário, ratificou-se o novo regulamento a reger os congressos, posteriormente revisto e aprovado durante a sessão de Paris, em 1897. Apenas um nome português se ligou ao evento londrino, o do filólogo e camonista José Maria Rodrigues (1857-1942), da Universidade de Coimbra, e que até então era um estranho a este meio. Foi, no entanto, marcado como ausente, tal como no X Congresso de Genebra. Ironicamente, por motivos estratégicos ou de mera cordialidade, também o nome de Léon de Rosny apareceu na lista de membros do Congresso de Londres de 1892.

Os ecos do adiamento/cancelamento da reunião de Lisboa na imprensa nacional não foram tão espalhafatosos quanto, à primeira vista, seria de supor dado o avançado estado dos preparativos. Cinco dias após o anúncio do projeto falhado, o *Diário Ilustrado* lamentava o sucedido, na sua página de abertura, através de um poema humorístico, intitulado “Sanscrítica” e assinado pelo pseudónimo “Barão dos Alcatruzes” (Figura 6). Inscrito sob a epígrafe “Foi adiado indefinidamente o congresso dos orientalistas”, o poema satiriza este epílogo, nomeando as suas duas principais vítimas, caídas em marasmo, o Luciano Cordeiro que “chora” e o “[s]oluçante, triste” Vasconcelos Abreu, que viram o trabalho de meses e as suas aspirações fracassados.

O bissemanário republicano *O Defensor do Povo*, na edição também de 15 de setembro de 1892, reproduzia na rubrica “De lança em riste” uma notícia do jornal *Tempo*, felicitando a decisão tomada de adiamento do evento:

A junta consultiva de saúde em virtude do perigo que resultava da entrada no reino, dos sábios que no dia 23 deviam assistir ao congresso orientalista, foi d’opinião que este congresso se adiasse.

A imprensa já por várias vezes se tinha referido à inconveniência de recebermos agora hóspedes provenientes de portos infecionados.

A resolução do governo que se conformou com a opinião da junta é portanto muito sensata. ([Tempo] 1892, 2)

O relatório de Vasconcelos Abreu (1892) sobre a responsabilidade portuguesa na convocação do X Congresso dos Orientalistas teve, conforme referido, um caráter tanto premonitório quanto preparatório, cumprindo uma função defensiva, a de salvaguardar a posição de Portugal e a da Sociedade de Geografia, e criando, simultaneamente, empatia para com a situação portuguesa. Ao mesmo tempo que põe a descoberto as alianças ideológicas da comissão executiva responsável pela sessão de que a de Lisboa estava a ser concorrente, deteta-se uma posição tendencialmente conciliadora das duas fações em oposição, a qual se apoia em argumentos legais que mostram que Portugal ficou à mercê de disputas maiores, que, apesar disso, não inviabilizariam a pertença portuguesa aos Congressos Internacionais de Orientalistas.

O facto de Lisboa vir a retirar-se do imbróglio por sua própria iniciativa, fruto também da falta de força tanto ideológica como disciplinar do seu congresso, era sinal de que perdera a batalha travada com Inglaterra, a segunda num curto espaço de tempo, apenas dois anos decorridos desde a humilhação infligida pelo Ultimato Inglês. Num novo jogo de medição de forças com Inglaterra, Portugal voltou a sair perdedor, refugiando-se, parece-nos, no manto insuspeito da cólera que grassava pela Europa. A reação praticamente nula, ou antes pacífica, da imprensa portuguesa a esse cancelamento não pode deixar de ser ponderada como uma anuência tácita a uma política científica que se estaria a definir nos principais centros produtores de saber orientalista de que Portugal não fazia parte e que eram alheios aos seus interesses, nomeadamente em França, Inglaterra e Alemanha.

Dentro da cronologia oficial dos congressos orientalistas, o de Lisboa assume especial relevância não apenas por ser exemplo único de um congresso em reta final de preparação a ser cancelado, e de véspera, num período longo de 1873 a 1973, mas também por esse cancelamento ser consequência de um cisma instalado no seio da comunidade orientalista e por Lisboa não voltar mais a ser proposta como espaço de acolhimento para este tipo de evento e de debate científico. Teve, portanto, como efeito mais imediato a exclusão simbólica de Portugal do mapa europeu dos Estudos Orientais.

Os participantes previstos para o congresso de Lisboa foram anunciados no boletim do Oriental Institute, a sociedade científica fundada em Woking por Leitner⁵⁹, *The Imperial and Asiatic Quarterly Review, and Oriental and Colonial*

59 Anunciam-se os seguintes nomes de fora de Portugal: A. Milos; Adam Kristoffer Fabricius, cujos dois contributos que preparou foram publicados no *Boletim da Sociedade de Geografia*;

Record. Para além das inscrições individuais, obtiveram-se inúmeras adesões institucionais (cerca de 43), com especial destaque para velhos e naturais aliados – como a Académie d’Hippone (criada em 1863, na Argélia), o Oriental University Institute, o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, o Leal Senado de Macau e o Seminário de S. José, a Real Academia de la Historia, o Athénée Oriental e a Societé Académique Indo-Chinoise, a Biblioteca de Goa e a Secção da Sociedade de Geografia de Lisboa em Goa, a Associação Real dos Arquitetos e Arqueólogos Portugueses, a Escola Naval de Lisboa, a Sociedade Martins Sarmento e a Sociedade Farmacêutica Lusitana –, bem como para a Society for the Encouragement of Fine Arts, a Japan Society, a Royal Society of Literature ou a Society of Sciences, Letters and Arts de Londres, a East India Association, o Canadian Institute de Toronto, a Det Kongelige Danske Geografiske Selskab [Real Sociedade de Geografia da Dinamarca], o Smithsonian Institute e a American Geographical Society, a Societé Africaine e a Societé Américaine de France, a Alliance Scientifique Universelle ou a Societé de Géographie de Lille, a Императорское русское археологическое общество [Sociedade Imperial de Arqueologia Russa] ou a Universidade Imperial de S. Petersburgo. Estas inscrições mostram bem como os preparativos para o congresso estavam bastante avançados. Com base nos livros de subscrições

o assiriologista Arthur Lincke; Bhagnánlál R. Bádsháh; C.W. Skarstedt; Carl Abel; Cesare Antonio de Cara; Charles H. Johnston; o antropólogo Charles Henry E. Carmichael; o conde de Viñaza; Cyprien Mélix; Félix Robiou; o general Showers; Gustav Oppert (do Presidency College, Madrasta); Harilal Harshadrai Dhruv; Ismaïl Fouad; James George Roche Forlong; Joseph Offord; Julien Duchâteau; Mahámahopádhyáy Mahesa Chandra Nyáyaratna (The Sanskrit College, Calcutá); Miss Garnett, cuja identidade não se conseguiu apurar (ter-se-á inscrito com uma contribuição intitulada “On Folklore” [Sobre o folclore], sendo quase certo tratar-se da folclorista britânica Lucy Mary Jane Garnett [1849-1934], que em 1890 tinha publicado *The Women of Turkey and their Folk-lore*); Oscar Louis Godin; o rabi (Hermann) Gollancz; René Basset; Robert Grant Haliburton (Sociedade de Geografia); S. Stuart-Glennice; Shu’ayb B. Muhammad; Sourindro Mohun Tagore; Vincent Smith (Bengal Civil Service); Wilhelm Hein e, claro, Leitner. Para uma lista discriminada de 309 adesões individuais, organizadas por cada um dos 33 países representados, veja-se Ramos (1996, 166-183) ou a lista *Inscription générale* no espólio de Luciano Cordeiro no Museu da SGL (*Correspondência 1892*, cx. 2) – Alemanha (3), Argélia (4), Argentina (1), Áustria (3), Bélgica (3), Birmânia (1), Brasil (1), Canadá (1), Chile (1), China (25), Dinamarca (4), Egito (2), Espanha (10), Estados Unidos da América (2), França (77), Grécia (1), Havai (2), Índia (10), Inglaterra (21), Itália (3), Japão (2), Java (1), Malta (1), Marrocos (6), Moçambique (2), Países Baixos (3), Portugal (90), Rússia (7), Sião (1), Suécia (2), Suíça (2), Transval (14) e Turquia (3).

patentes no arquivo da Sociedade de Geografia de Lisboa, não podemos deixar de assinalar que, mesmo após o cancelamento da sessão, a Sociedade continuou a receber pedidos de adesão e a emitir cartas de congressista, pelo menos até 22 de dezembro de 1892.

Vários foram os participantes estrangeiros que chegaram a Lisboa antes de o congresso ser desconvocado ou que não foram notificados do seu cancelamento ou que, tendo-o sido, não cancelaram a sua viagem a Portugal ou à Europa. O *Diário Ilustrado* fez a cobertura de vários casos: “Já está em Lisboa o dr. K. Fabricius, o ilustre historiador [*sic*] dinamarquês. // Vem ao congresso dos orientalistas, onde fará uma interessante comunicação sobre as invasões normandas em Portugal” (9 setembro, primeira página); “Entre os que têm chegado por não terem sido avisados a tempo do adiamento do congresso, conta-se o do governo turco, Numan Kiamil Rey [*sic*], secretário do sultão, e *mr.* Henri Louis, professor de história” (24 setembro, [3]); “Adiaram a sua viagem para amanhã [para Madrid] os srs. Abdul [Rahman] Seruya, e Kiamel [Kiamil] Bey, membros do congresso orientalista” (30 setembro, [1]); “Retirou ontem para Huelva a [*sic*] ilustre explorador alemão barão Oppenheim, que chegara anteontem do Cairo, no propósito de assistir ao congresso dos orientalistas” (8 outubro, [3]). Note-se que nem Henry Louis (cuja identidade não conseguimos apurar) nem o barão Max von Oppenheim (1860-1946) integram a lista geral de inscrições.

A versão brasileira do *Diário de Notícias* dava conta, a 29 de junho de 1892, na rubrica reservada a notícias de Portugal, da “vinda de muitos sábios russos [...], por ocasião do congresso dos orientalistas. Entre os representantes da «Sociedade Imperial de Arqueologia Russa», conta-se que virá uma dama de alta reputação científica, a viúva e continuadora do célebre conde Alexis Oudarof” (Anón. 1892, 3). Tratava-se da condessa, e arqueóloga, Praskovia Sergueïevna Ouvarova (1840-1924), viúva do conde Alexeï Sergueïevitch Ouvarov (1825-1884) e uma das poucas vozes femininas a associar-se ao evento científico de Lisboa. Já a escultora francesa Elisa Bloch (1848-1904/5) terá sido membro titular do evento e esculpido, como gesto de homenagem, o busto do rei D. Carlos, que terá ficado exposto no seu *atelier* parisiense (Ramos 1996, 165)⁶⁰ para posterior exibição no congresso. Além de Bloch, na delegação francesa encontram-se mais

60 Como assinala Ramos, na sequência do busto esculpido por Bloch, o barão Textor de Ravisi subscreveu, em 19 de julho de 1892, “uma iniciativa de recolha de fundos para a feitura de um [novo] busto, em mármore branco, do rei D. Carlos” (1996, 164-165).

dois nomes de mulheres: o de Rose Lyon, uma professora norte-americana de línguas estrangeiras radicada em Paris que, segundo Textor de Ravisi, teria prometido uma memória sobre o papel da mulher egípcia no Egito moderno⁶¹, e o de Winteler de Weindeck, possivelmente Henriette Winteler de Weindeck, que é identificada, na lista de inscrições, como “publicista (inglesa)”.

Apesar de o evento não se ter concretizado, a maioria dos trabalhos preparados teve direito a ser publicada, com o governo português a suportar os respetivos custos. A Sociedade de Geografia de Lisboa, através da Imprensa Nacional, assegurou a publicação da produção científica nacional e dos seus membros correspondentes estrangeiros. Se alguns trabalhos saíram no *Boletim da Sociedade de Geografia*, outros apareceram (também) sob a forma de separata. No *Boletim* de 1892, divulga-se a publicação avulsa de 30 “memórias destinadas à décima sessão do congresso”, numeradas da 211 à 240, custando valores variáveis entre os 200, 300, 400, 500, 600, 800 e 2\$000 réis. Alguns trabalhos chegaram a ser registados para impressão, sem que, porém, lhes tivesse sido dada qualquer continuidade, como se infere pela consulta do *Livro de Registo de Obras para Impressão 1892* da Imprensa Nacional⁶², e é pouco provável que os respetivos manuscritos tenham dado entrada nas instalações tipográficas. Assim sucedeu com os trabalhos do segundo barão de Combarjua (1842-1904), deputado de Goa: *Doutrina Cristã em Língua Concani* (registo n.º 1084); *Doutrina Cristã em Língua Brâmana-Canarim* (registo n.º 1085), sendo talvez este título uma variação do anterior, porque logo substituído, no *Livro*, pelo título de outra obra (o opúsculo do orientalista René Basset); e *Método de Leitura da Língua Marata* (registo n.º 1086).

Quanto aos trabalhos por participantes estrangeiros (mais de 45), foram sobretudo impressos no boletim de Leitner, *The Imperial and Asiatic Quarterly Review*, entre 1892 e 1893⁶³. O fundador da Bengal Academy of Music (1881),

61 Museu da SGL. Espólio de Luciano Cordeiro, *Correspondência 1892*, cx. 1, carta de Textor de Ravisi a Luciano Cordeiro (Paris, 23 outubro 1892).

62 Arquivo Histórico da Imprensa Nacional (INCM/AHIN), *Livro de Registo de Obras para Impressão 1892*, n.º 720.

63 O de Cyprien Mélix, por exemplo, apareceu no boletim da instituição de que era membro e que, nessa modalidade institucional, subscreveu o congresso: 1892. Contribution à l'interprétation de quelques inscriptions libyques. *Bulletin de l'Académie d'Hippone* 25: 25-186. Foram remetidos cinco exemplares deste boletim, juntamente com outros de números anteriores, para a Sociedade de Geografia de Lisboa a 12 de setembro de 1892 (vd. Museu da SGL. Espólio de Luciano Cordeiro, *Correspondência 1892*, cx. 2).

Sourindro Mohun Tagore (1840-1914), conta-se entre os congressistas estrangeiros que publicaram neste periódico. Da mesma forma que foram os poemas que musicou, em sânscrito e em inglês, em homenagem à rainha Vitória e ao príncipe de Gales que o tornaram conhecido como poeta (Vicente 2008, 92, n. 95), foi um poema musicado, em honra ao rei D. Carlos e celebrando a aventura portuguesa na Índia, que preparou para acompanhar a breve história da música na Índia que remeteu ao Congresso Oriental de Lisboa⁶⁴. Como se explica na nota introdutória à tradução inglesa do poema, para além da memória enviou também diversos instrumentos musicais tradicionais, entre os quais um *nyastaranga*⁶⁵. A edição de 24 de setembro do *Diário de Notícias* confirma, da parte do rajá Tagore, o envio “de um grande número de obras ricamente encadernadas e dois trabalhos seus, manuscritos dedicados a el-rei”, assim como a chegada de um “trabalho original sobre a música árabe, escrito nesta língua” pelo cádi argelino de Tlemcen, assinalando ainda a ilustre “coleção de documentos históricos, bibliográficos e artísticos de Macau e de Goa”. Talvez estes materiais tenham chegado a ser exibidos na pequena exposição anunciada para outubro pelo *Diário de Notícias*, cuja realização efetiva não podemos asseverar.

Houve também trabalhos que foram publicados mais tardiamente no âmbito das comemorações do quarto centenário do caminho marítimo para a Índia (1898), como sucedeu, por exemplo, com a tradução portuguesa e hebraica das *Fábulas de Loqmán* por Joseph Benoliel. Na circular de 1 de janeiro de 1896 da Sociedade de Geografia a propósito deste centenário, afirma-se o carácter ecuménico da expedição portuguesa:

[T]endo sido o descobrimento do caminho marítimo do Oriente um acontecimento de universal importância, se deveria esperar e sugerir que à celebração proposta se associasse o reconhecimento e a justiça universal, acrescentando-lhe um carácter e determinando-lhe um ensejo de fraterna e internacional comunhão e convívio nesta “ocidental praia lusitana”, de onde haviam partido os heroicos navegadores, que deram ao velho Mundo novos e tão largos âmbitos por onde ele se expandisse e enriquecesse⁶⁶.

64 Sourindro Mohun Tagore. 1893. Sanskrit Paean; A Brief History of Music, India. *The Imperial and Asiatic Quarterly Review* V (9-10): 396-401.

65 Instrumento de sopro, uma espécie de oboé.

66 ANTT. Família Ferreira do Amaral, cx. 6, mct. Luciano Cordeiro IV, doc. 296.

Ecoando o *jargão* da circular do primeiro Congresso dos Orientalistas, é sob o signo da universalidade e da abertura à novidade/diversidade que se inscreve a agência portuguesa neste espaço de intercâmbio.

A par dos textos impressos há, pelo menos, quatro trabalhos que nunca saíram da forma manuscrita: do diplomata José Daniel Colaço, existe uma cópia manuscrita e incompleta de *Alcácer-Quibir. Esboço*; de Júlio Rey Colaço (1844-1900), que assinava mais vulgarmente Jules Rey, existe um caderno manuscrito que, na folha de rosto, é intitulado *Traduction française de quelques-uns des premiers chapitres de l'ouvrage arabe du Cheikh Chehab-ed-Din Ahmed El-Abchihy, intitulé El Moustertref fi kulli fenn moustadhraf et composé vers la fin du XIV siècle* (130 fls.), apresentando a tradução francesa seguida, na mesma página, do testemunho árabe de partida; de Julien Duchâteau, que fora tesoureiro da primeira reunião dos orientalistas, são dois os cadernos manuscritos preparados para impressão, conforme nota deixada a lápis, *Les Modes et méthodes du religiosisme des peuples dans l'Extrême-Orient e De l'antiquité de la littérature et des sciences indiennes dans l'Indo-Chine et les poèmes épiques des anciens greco-latins et français des XVII et XVIII siècles comparés*. O primeiro, parte do fundo particular de Cristóvão Aires, encontra-se no Arquivo Histórico Militar, em Lisboa, enquanto os três últimos integram a coleção de reservados da biblioteca da Sociedade de Geografia.

Sendo Lisboa o palco intentado para acolher um evento científico internacional como o dos orientalistas, o primeiro do género, doze anos após receber o 9.º Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880), em que Gonçalves Viana já dera provas da sua competência a secretariar este tipo de estrutura científica, esperava-se grande afluência de participantes portugueses, quer com afinidades diretas com o tópico, quer com um interesse tangencial nas relações ou diálogos culturais entre Portugal e espaços orientais. Participantes como, por exemplo, José Leite de Vasconcelos cujo nome esteve tão-só associado ao congresso de Lisboa e que tirou partido de o governo português custear as publicações para imprimir três planos de trabalho para estudos futuros⁶⁷, foram contabilizados no projeto TECOP, e portanto neste volume, como orientalistas. O

67 Se *Sur le dialecte portugais de Macao* (1892) expõe o plano de um projeto mais amplo sobre dialetologia portuguesa, que Leite de Vasconcelos concretizaria em 1901 com *Esquisse d'une dialectologie portugaise, Sur les amulettes portugaises* (1892) retoma a curta investigação publicada dez anos antes, na *Revista Científica* do Porto, sobre amuletos italianos e portugueses e *Sur les religions de la Lusitanie* (1892) antecipa o trabalho, em três volumes, sobre *Religiões da Lusitânia* (1897, 1905, 1913). Publicado no âmbito das comemorações do quarto centenário do descobrimento da Índia,

seu contemporâneo António Pereira de Paiva e Pona, tendo embora frequentado o Curso Superior de Letras, onde contactou com línguas clássicas e orientais, formando-se depois na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, entusiasmou-se mais pelo estudo da medicina tropical e geomedicina (o das influências climatológicas na saúde humana) e suas aplicações práticas nas colónias portuguesas, em particular as de África. Da curta obra que deixou publicada, contam-se os dois trabalhos que preparou no âmbito do malogrado congresso de Lisboa, dos quais o seu *Dos Primeiros Trabalhos dos Portugueses no Monomotapa* veio a constituir-se como uma fonte autorizada sobre a história portuguesa na costa oriental de África. Será, de facto, Paiva e Pona um orientalista *à la lettre*? Será caso para dizer que tanto Leite de Vasconcelos como eventualmente Paiva e Pona foram antes orientalistas acidentais, para tomar de empréstimo a feliz expressão de Barbara Spackman (2017)?

Pelos textos preparados e publicados pela participação portuguesa sob a chancela do congresso malogrado, que se alimentam da história da expansão e de um ímpeto de legitimação dessa aventura marítima, a maioria dos quais está reunido no presente livro, o evento estaria a ser preparado com um fito patriótico, como celebração e exaltação do passado histórico da nação. Ainda que o congresso de Lisboa tivesse tido lugar, estaria fadado à mesma invisibilidade que o nono congresso estatutário, pois seria identificado tão-só como estatutário e excluído da seriação oficial dos Congressos Internacionais de Orientalistas. À escala local (ou nacional), talvez o congresso de Lisboa tivesse servido de motor propulsor para, através da concentração de massa crítica, exponenciar os Estudos Orientais em Portugal; talvez tivesse vindo ditar um rumo científico diferente para o país, que viesse colocá-lo no mapa europeu desses estudos. Sintoma flagrante da inexistência de uma disciplina organizada ou de uma tentativa sem consequências significativas de disciplinarização dos Estudos Orientais, patente na ausência de uma comunidade interpretativa, foi, no essencial, a inexistência de uma sociedade asiática portuguesa, ou de Lisboa, capaz de emparceirar as congéneres de Londres, Paris, Berlim ou Leipzig, Roma ou Florença, Calcutá ou Bombaim.

este último estudo prima, como o próprio autor afirma no prólogo ao primeiro volume, “pelo seu carácter de ocidentalismo” (1897, vii).